

VISÃO DO CORREIO

O alerta da “variante de BH”

Do ambiente normalmente silencioso dos laboratórios da Universidade Federal de Minas Gerais vem um novo e preocupante grito de alerta para os riscos de avanço da pandemia de covid-19. Equipe do Laboratório de Biologia Integrativa do Instituto de Ciências Biológicas, em conjunto com o Setor de Pesquisa e Desenvolvimento do Grupo Pardini e com a colaboração do Laboratório de Virologia Molecular da UFRJ e da Prefeitura de Belo Horizonte, identificou aquela que parece ser uma nova variante do coronavírus, em circulação na capital e em outras cidades mineiras.

Ao sequenciar 85 genomas do vírus Sars-CoV-2 obtidos de amostras clínicas coletadas na Grande BH, os pesquisadores identificaram em dois conjuntos de genes 18 mutações até então desconhecidas, o que pode caracterizar nova cepa em circulação. O material que possibilitou a identificação foi colhido em dias diferentes (27 e 28 de fevereiro), de pessoas infectadas que não teriam ligação entre si, o que reforça a suspeita de que a possível nova variante esteja se difundindo.

Ainda não há informações sobre quais os efeitos dessas mutações sobre os infectados ou sobre a capacidade de disseminação do coronavírus, mas o risco de surgimento de variantes mais letais ou infecciosas enquanto a vacinação no país não avança na velocidade ideal é um alerta recorrente entre especialistas. Para uma população estimada em cerca de 212,9 milhões de habitantes, o Brasil ainda não passa da casa de 24 milhões de doses de vacina administradas, entre primeira e segunda aplicações.

O risco da demora na vacinação — estudo da Universidade Federal de Juiz de Fora indica que o país precisaria imunizar 2 milhões de habitantes por dia para controlar a pandemia em até um ano — se po-

tencializa com a falta de controle na circulação da população e com os diferentes níveis de restrição adotados por estados e municípios do país. Sem uma coordenação nacional e com diretrizes estaduais muitas vezes questionadas por prefeitos, municípios que impõem regras mais rígidas a seus cidadãos sofrem com a pressão de vizinhos que optam pelo relaxamento — e que, muitas vezes, são dependentes dos sistemas de saúde de outras cidades.

Nesse cenário, o estudo liderado por pesquisadores mineiros, feito sobre amostras de uma ínfima parcela dos mais de 13 milhões de contaminados pelo novo coronavírus no país, surge como uma advertência sobre a possibilidade de muitas outras mutações desconhecidas estarem em desenvolvimento, com potencial de dano imprevisível. Mostra também que a velocidade do vírus não respeita critérios de tempo estabelecidos por um enfrentamento vacilante e descoordenado da pandemia.

Enquanto prefeituras adotam posturas mais ou menos restritivas, estados delibaram por fases e cores diversificadas para definir o nível de abertura de suas economias e o governo central segue criticando os demais entes federados em sua falta de sintonia, os alertas da ciência se acumulam. Ao mesmo tempo, o vírus se propaga rápido e em silêncio, com uma eficiência que seus combatentes não alcançam.

Passado mais de um ano de pandemia, o país e seus cidadãos, que, agora, morrem a uma proporção que avança pela casa dos milhares, seguem clamando por uma gestão unificada do desafio. Apesar da resistência, especialmente em nível federal, fica cada vez mais evidente que fora do que indica a ciência não há saída para a crise da saúde — que segue alimentando suas próprias variantes, as crises política e econômica.



>> Sr. Redator

Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Transgressão

Andam macerando o presidente da República por ele usar expressões como estas: “Meu Brasil”; “Meu Exército”; Meu governo. Sugiro que sejam levados à barra do tribunal da estupidez outros que também cometeram esse “delito”, como o compositor Ary Barroso. O famoso mineiro de Itajubá teve a ousadia de cantar o “Meu Brasil brasileiro”. E outros, talvez centenas ou milhares, que igualmente incidiram nessa transgressão.

Joares Antonio Caovilla, Asa Norte

Isolamento

O lockdown não era para controlar as mortes e aliviar as UTIs? Depois de mais de um mês, as mortes estão batendo recordes a cada dia. Será que o remédio não é esse? Ninguém até hoje apresentou comprovação científica com nível de evidência sobre seu efeito, e há exemplos em contrário, como Texas e Suécia. Será que é preciso aumentar a dose, como pesquisadores da Fiocruz estão propondo? Se fecharem tudo, em nível nacional, durante um mês, inclusive supermercados, padarias, farmácias, postos de gasolina, prontos socorros, hospitais e cemitérios, acabará a pandemia, porque todos vão morrer de fome ou de doença, e os vírus vão morrer junto.

Roberto Doglia Azambuja, Asa Sul

Fake news

A cada nova coluna publicada pelo Sr. Alexandre Garcia perco cada vez mais a admiração por este nobre veículo de imprensa. Está claro, para praticamente todos os leitores (veja os comentários), que esse pobre senhor está, além de senil, fazendo propaganda política (à lá papagaio de Jair Bolsonaro) por meio do **Correio Braziliense**. Até aí seria aceitável, em vista da liberdade e diversidade de opinião, não fosse o fato de que, agora, passa a ecoar fake news sobre democracia e liberdade, distorcendo fatos sobre direitos constitucionais e liberdades, insinuando práticas ditatoriais de terceiros para acobertar as próprias de Jair Bolsonaro, que é antigo inimigo da imprensa. Lamentável! Retirem esse senhor urgentemente do **Correio!**

Antônio Saraiva, Brasília

Liberdade

Equívoca-se o presidente quando diz, em plena pandemia, com mais de 4 mil mortes em 24 horas, que a liberdade não tem preço para confundir exigência sanitária, em defesa da vida, com a supressão do direito de ir e vir. Hoje, essa lógica torta e torpe do presidente tem estimulado as aglomerações, as festas clandestinas e tantos outros comportamentos anticiência. O resultado é o colapso das unidades hospitalares em todo o país e um aumento diário de mortes. Ele e sua equipe de ajudantes de ordem no Ministério da Saúde são os responsáveis pela maior tragédia dos últimos 100 anos

Desabafo

>> Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Eu quero, tu queres, eles querem comprar vacinas. Até para distribuir com os empregados. Nunca se viu tanta generosidade.

Joaquim Antunes de Carvalho — Asa Norte

Para justificar aglomeração em templos, advogados trocaram a Constituição pela Bíblia. Devem ser da Igreja da Sagrada Falácia...

Marcos Paulino — Águas Claras

Quem entende o que realmente significa igreja não verá a sua liberdade de culto cerceada, nem por decreto.

Vital Ramos de V. Júnior — Jardim Botânico

Ninguém precisa de igreja para dialogar com Deus. Mas Nunes Marques tinha que manifestar gratidão a quem lhe deu o melhor emprego da República.

Joaquim Honório — Asa Sul

no país. Ele é o culpado e mereceria ser julgado tanto pelo Congresso Nacional quanto pela Justiça e responsabilizado pelo morticínio, que tornou o Brasil berçário de variantes do coronavírus, cujo impacto ainda não foi devidamente avaliado pelos especialistas. O presidente debocha da tragédia. Emite mensagens inversas ao do ministro da Saúde, que funciona como figurante, pois nem para o papel de coadjuvante serve, mas presta-se para compor o cenário macabro do atual governo. É por causa do presidente e do alprado ex-ministro das Relações Exteriores que o país se tornou pária no cenário internacional. Talvez, quando chegarmos a 100 mil mortes por dia, quando as necrópoles também entrarem em colapso e tropeçarmos em mortos no meio da rua, o Congresso conviente, o Judiciário apático e os militares indiferentes ao genocídio acordem para a perversidade do inquilino do Planalto.

Leonora Lima, Núcleo Bandeirante

Freud explica

A família presidencial estacionou na fase anal, como se pode ver em qualquer manual de psicologia básica. Pela Wikipédia, o estágio anal, na psicologia freudiana, é o período de desenvolvimento humano que ocorre entre um e três anos. Por volta dessa idade, a criança começa a aprender a utilizar o banheiro, o que provoca o fascínio dela na

zona erógena do ânus. A zona erógena concentra-se no controle do intestino e da bexiga. Portanto, Freud acreditava que a libido estava principalmente focada em controlar os movimentos da bexiga e do intestino. A facilidade com que se referem a essa região em público é sinal de desprezo para com seus interlocutores e para com as exigências dos cargos que ocupam. São termos usados em conversas de botiquim ou em brigas de rua. Não cabem, não deveriam caber, em diálogos oficiais ou declarações em público. O caso da mansão do filho Flávio teve péssima repercussão de tão inoportuna pela gravidade do momento que os brasileiros estão vivendo. Ao fazer B.O. contra um deputado que pediu explicações sobre o financiamento, o 01 falou em ‘bum-bunzinho enrugado’. São inúmeras as vezes em que seu papai e seus maninhos se valem de expressões correlatas. Paul Lafargue, genro de Marx, mostrou-se um futurologo de mão cheia ao prever como agiriam os políticos, e não só os da Revolução Francesa: “Diante dos eleitores com cabeças de madeira e orelhas de burro, os candidatos burgueses, vestidos como palhaços, dançarão a dança das liberdades políticas, limpando e face o posfácio com seus programas eleitorais de múltiplas promessas e falando com lágrimas nos olhos das misérrias do povo e com voz de bronze das glórias da nação”. Quem recebe tantas regalias do Estado tem obrigação moral de ser moderado e respeitoso para com o público da nação brasileira, de quem recebem infindáveis benefícios e vida mansa.

Thelma B. Oliveira, Asa Norte



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

Caso Henry: até quando?

Em meio ao nosso pesadelo diário com a pandemia do novo coronavírus, o Brasil acordou estarelecido ontem com os desdobramentos da investigação da morte do menino Henry Borel, de 4 anos. E as revelações policiais trazem à tona uma trágica história, com um desfecho tão macabro quanto o de Isabella Nardoni, 13 anos atrás. Mas com um agravante: a criança, mesmo tão pequena, dava sinais de que corria perigo.

Por isso, em primeiro lugar, pergunto: até quando nossas crianças vão ser oprimidas, agredidas e mortas? Fico pensando, também, em quantas estão neste momento nas mãos de agressores ou potenciais assassinos. Temos visto uma apuração policial eficiente na morte de Henry, mas que não ocorre em todos os casos que são registrados.

Cito um rápido exemplo: o desaparecimento dos três meninos de Belford Roxo, também no Rio, pouco antes do réveillon. A história continua sem solução, sendo que a investigação só começou de fato depois que os parentes começaram a fazer protestos e a chamar a atenção da sociedade civil. Estão vivos? Mortos? Foram sequestrados? Ninguém sabe. O que faz aumentar ainda mais o sofrimento dos parentes.

O assassinato de Henry Borel, além de toda a crueldade feita com o garoto, também teve o tão famoso “sabe com quem está falando?”. Após o crime, como mostra a investigação policial, o vereador acusado de participação tentou abafar o caso. Dr. Jairinho quis evitar que o hospital enviasse o corpo para o IML, como mostra o depoimento de um executivo da área da saúde. Chegou também a ligar para o governador em exercício do Rio, Cláudio Castro, que, segundo consta, tratou o caso de forma protocolar. Ou seja, o vereador quis usar a influência política que imaginava ter para tentar evitar uma apuração precisa da morte do menino. Lamentável, no mínimo. Chega a ser patético pensar que um político pode se achar acima da lei.

Assim como a morte de Isabella, jogada do sexto andar de um prédio em São Paulo em 2008, a de Henry entrará para a história como uma das que tiveram grande comoção nacional. Mais do que justiça, que virá, queremos que histórias como essas nunca mais se repitam, marcadas por negligência e cumplicidades familiares. Então, está mais do que na hora de reforçarmos os mecanismos de denúncia e proteção de vítimas de violência doméstica. Nunca é tarde.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
 E se mais mundo houera, lá chegara”
 Camões, e, VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA
 Diretor Presidente

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
 Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
 Diretora de Redação

Paulo Cesar Marques
 Diretor de Comercialização e Marketing

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
 Diretor Financeiro

Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes
 Editores executivos

CORPORATIVO
 Josemar Gimenez
 Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526; 3214.1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732 - 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: assidosspp@uigigga.com.br; Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalarj@uigigga.com.br; REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo - Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaabril.com.br; Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Maranhão, 33 sala 608 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hrrm@hrmmultimidia.com.br; Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Exito Representações - Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C.2, Jardim Planalto - CEP: 74333-140, Goiânia-GO - Telefones: 62 3085-4770 e 62 98142-6119. Brasília: S4 Publicidade e Representações, SCS Qda G2, Bl. D - 1º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Truigo@supublicidade.com.br; Região Norte - Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
 Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Noticiosa Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press, tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
 Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 2,50	R\$ 4,00
MG/RJ/SP	R\$ 4,00	R\$ 5,00
TO/MA/CE/PI	R\$ 4,00	R\$ 5,00
RN/PB/PE	R\$ 4,00	R\$ 5,00

ASSINATURAS*		
SEG a DOM (promocional)	R\$ 789,88	360 EDIÇÕES

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
 Consulte a Central de Relacionamento (3342.1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia
 Atendimento personalizado para pesquisa em jornais e cópias:
 SIC Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subselo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF, de segunda a sexta, das 13h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
 Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 18h/sábados, das 14h às 21h
 Telefones: (61) 3214.1575 / 1582/1568/0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
 E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

DA LOG
 Agenciamento de Publicidade